



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE COMUNICAÇÃO, TURISMO E ARTES
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO MUSICAL**

PROJETO BANDAS DE PE (PERNAMBUCO): sua importância
sociocultural na perspectiva dos professores ministrantes

ADMÁRIO VIEIRA DA SILVA

João Pessoa - PB

2020



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE COMUNICAÇÃO, TURISMO E ARTES
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO MUSICAL

PROJETO BANDAS DE PE (PERNAMBUCO): sua importância
sociocultural na perspectiva dos professores ministrantes

Monografia apresentada no Curso de Licenciatura em
Música da Universidade Federal da Paraíba como
requisito parcial para obtenção do título de licenciado
em Música, área de concentração em Práticas
Interpretativas.

Admário Vieira da Silva

Orientador: Prof. Dr. Gláucio Xavier da Fonseca

João Pessoa - PB

2020

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

S586p Silva, Admario Vieira da.

Projeto Bandas de PE (Pernambuco): sua importância
sociocultural na perspectiva dos professores
ministrantes / Admario Vieira da Silva. - João Pessoa,
2020.

50 f. : il.

Orientação: Gláucio Xavier da Fonseca.

Monografia - UFPB/CCTA. Inclui anexos.

1. Música - Ensino. 2. Bandas Musicais - PE. 3. Música
- Inclusão social. I. Fonseca, Gláucio Xavier da
Fonseca. II. Título.

UFPB/CCTA

CDU 78:37(043.2)



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE COMUNICAÇÃO, TURISMO E ARTES
CURSO DE LICENCIATURA EM MÚSICA**

A monografia de ADMÁRIO VIEIRA DA SILVA, intitulada *PROJETO BANDAS DE PE (PERNAMBUCO): sua importância sociocultural na perspectiva dos professores ministrantes* foi aprovada pela banca examinadora:

Prof. Dr. Gláucio Xavier da Fonseca (orientador)
Departamento de Música - UFPB

Prof. Dr. Ayrton Muzel Benck Filho
Departamento de Música - UFPB

Prof. Dr. Alexandre Magno e Silva Ferreira
Departamento de Música - UFPB

João Pessoa, 01 de outubro de 2020

A banda (Chico Buarque)

Estava à toa na vida
O meu amor me chamou
Pra ver a banda passar Refrão
Cantando coisas de amor

A minha gente sofrida
Despediu-se da dor
Pra ver a banda passar Refrão
Cantando coisas de amor

O homem sério que contava dinheiro parou
O faroleiro que contava vantagem parou
A namorada que contava as estrelas parou
Para ver, ouvir e dar passagem

A moça triste que vivia calada sorriu
A rosa triste que vivia fechada se abriu
E a meninada toda se assanhou
Pra ver a banda passar
Cantando coisas de amor

Refrão

A minha gente sofrida
Despediu-se da dor
Pra ver a banda passar
Cantando coisas de amor

O velho fraco se esqueceu do cansaço e pensou
Que ainda era moço pra sair no terraço e dançou
A moça feia debruçou na janela
Pensando que a banda tocava pra ela

A marcha alegre se espalhou na avenida e insistiu
A lua cheia que vivia escondida surgiu
Minha cidade toda se enfeitou
Pra ver a banda passar cantando coisas de amor

Mas para meu desencanto
O que era doce acabou
Tudo tomou seu lugar
Depois que a banda passou
E cada qual no seu canto
Em cada canto uma dor
Depois da banda passar
Cantando coisas de amor...

Dedico este trabalho a minha família, por todo o apoio durante a jornada.

AGRADECIMENTOS

A Deus, por me dar luz, força e inspiração.

A minha família, pelas minhas ausências durante o período do Curso e da construção da pesquisa, pelo suporte emocional e afetivo.

Ao meu professor e orientador Dr. Gláucio Xavier da Fonseca, por toda dedicação, empatia, ética profissional, compreensão e empenho para que esse ciclo acadêmico em minha vida fosse cumprido com êxito.

Aos professores ministrantes do projeto **Bandas de PE**, que, gentilmente, cederam seu tempo e disponibilizaram seus conhecimentos nas entrevistas da nossa pesquisa de campo, contribuindo, assim, para a elaboração e desenvolvimento deste trabalho.

Aos professores do DeMús, que contribuíram para o meu crescimento acadêmico.

Aos amigos, que estiveram sempre ao meu lado nessa conquista.

E a todos que, de alguma forma, contribuíram direto ou indiretamente para a concretização deste trabalho.

Resumo

A presente pesquisa teve como objetivo compreender a função do projeto **Bandas de PE** (Pernambuco) na formação musical de alunos, sob a ótica dos professores participantes. Com essa finalidade, analisamos o projeto **Bandas de PE** no processo ensino-aprendizagem, sua abrangência sociocultural tendo a música como fator de inclusão social. O estudo utilizou, como fonte, sites acadêmicos, anais, periódicos e outros meios necessários para a construção do trabalho. Fizemos a análise, utilizamos a pesquisa bibliográfica com abordagem qualitativa, a história cultural e Oral para dar conta das falas (entrevistas). Para isso, o método de revisão de literatura bibliográfica foi realizado, iniciando com a análise da importância do projeto **Bandas de PE** para os músicos pernambucanos. Em seguida, foi ressaltada a importância da música como inclusão, adentrando na narração dos que fazem o projeto, os professores. A pesquisa teve como resultado a relevância que a música tem na inclusão dos participantes do projeto, assim como dos que ensinam e participam da história do projeto.

Palavras-chave: Música; Educação; Projeto; Banda.

Abstract

This research had as objective understand the function of the Pernambuco Bands project in the musical formation of students from the point of view of participating teachers. To this end, we analyzed the PE Bands project in the teaching-learning process, its socio-cultural scope having music as a factor of social inclusion. The study used, as a source, academic sites, annals, journals and others necessary for the construction of the work. We did the analysis, using the bibliographic research with qualitative approach, the cultural and oral history to account for the lines (interviews). For this, the method of literature review was carried out, starting with the analysis of the importance of the project Bands of PE for musicians from Pernambuco. Then, the importance of music as inclusion was emphasized, entering into the narration of those who make the project, the teachers. The result of the research was the relevance that music has in the inclusion of project participants, as well as those who teach and participate in the history of the project.

Keywords: Music; Education; Project; Band.

LISTA DE FIGURAS

Figura 01 – Fotografia da reunião dos participantes em uma aula de música.....	19
Figura 02 – Gráfico de porcentagem do crescimento do projeto.....	26
Figura 03 – Fotografia dos alunos em aula	34
Figura 04 – Fotografia do mestre e maestro do projeto em sala de aula.....	35

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CPM	Conservatório Pernambucano de Música
DEMÚS	Departamento de Música
PE	Estado de Pernambuco
RJ	Rio de Janeiro
SE	Secretaria de Educação
SEMA	Superintendência de Educação Musical e Artística
TCC	Trabalho de Conclusão de Curso
UFPB	Universidade Federal da Paraíba

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	12
CAPÍTULO I.....	14
1. BANDAS DE MÚSICA: Reminiscências de Inclusão Sociocultural.....	14
1.1. Um Legado Histórico e Sociocultural: Bandas de Música.....	14
1.2. A Importância do Ensino de Música como Inclusão Social.....	16
1.3. Onde tudo começou: Conservatório Pernambucano de Música.....	20
1.4. O Projeto Bandas de PE.....	21
1.5. O Movimento do Projeto Bandas de PE.....	25
CAPÍTULO II.....	27
2. Um Diálogo Teórico-Metodológico.....	27
CAPÍTULO III.....	32
3. As perspectivas dos professores ministrantes.....	32
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	42
5. REFERÊNCIAS.....	45
ANEXO A - QUESTIONÁRIO REFERENTE AS ENTREVISTAS.....	49
ANEXO B - TERMO DE CONSENTIMENTO.....	50

INTRODUÇÃO

As bandas de música são constituídas de músicos das diversas classes sociais, de diferentes idades e etnias, fato esse que as caracteriza como representação sociocultural de tradições locais. (FONSECA, 2005, p. 87). Elas estão presentes no cotidiano das cidades e dos eventos populares e religiosos. Por isso, quando falamos em banda de música, logo nos vem a ideia de lazer, diversão, entretenimento; foi assim desde o período colonial até os dias de hoje.

Nascido no interior, iniciei meus estudos musicais aos 11 anos, na banda marcial da escola Polivalente da cidade de Abreu e Lima, Pernambuco. Tive minhas primeiras lições de música com o professor Policarpo Lira Filho. Paralelamente, ingressei na banda Acordes Celeste, Banda da igreja evangélica que meus pais eram membros. Então, ao longo da minha carreira de músico passei por várias bandas como a do Centro de Criatividade Musical (Recife), a banda do colégio Jonas Taurino, entre outras.

Atualmente, sou membro da Banda Sinfônica do Recife (há 32 anos), também, sou músico da Orquestra Popular do Recife (criada pelo Literário Ariano Suassuna), com a qual viajei pelo Brasil e exterior divulgando a cultura pernambucana através do frevo, do coco, do maracatu, enfim, a música brasileira.

Diante das experiências musicais, senti a necessidade de crescimento acadêmico, então, no ano de 2016 ingressei no curso de Licenciatura em Música da Universidade Federal da Paraíba (UFPB).

Nada mais natural, perante a minha trajetória profissional, que ao final do curso, o meu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) fosse a temática sobre Banda. Todavia, por ter ciência do projeto **Bandas de PE** (Pernambuco). e sua abrangência em atender as Bandas filarmônicas existentes em alguns municípios do interior pernambucano, tendo como característica assessoramento de profissionais qualificados envolvidos com o fazer musical.

A partir desse aspecto fiz uma pesquisa e, para minha surpresa, constatei o quão lacunar é a disponibilidade de material sobre o mesmo. Fato esse que despertou curiosidades referentes ao desenvolvimento do projeto em si, a temporalidade, a didática, ao aprendizado e a inclusão sociocultural. Por essa razão, resolvi focar meu estudo no projeto **Bandas de PE**.

Partindo desses antecedentes, me propus fazer uma análise sobre o assunto em questão, respaldado em um diálogo teórico metodológico da pesquisa qualitativa, história bibliográfica, história cultural e história oral.

Nosso objetivo foi analisar a importância sociocultural do projeto **Bandas de PE** e seu poder de transformação nas comunidades locais atendidas. Assim como, compreender seu funcionamento metodológico e desafios enfrentados, sob a perspectiva de alguns dos professores ministrantes.

Assim, ao discutirmos sobre a importância da música, buscaremos dados relevantes para o meio acadêmico. Dessa forma, contribuiremos para com a sociedade, ao apresentar as transformações do indivíduo, como, também, sua inclusão social através da música; já que o mundo contemporâneo está procurando novas formas de inclusão, e a música, tendo esse poder, vem abarcar a necessidade moderna que carece de qualidade de vida para todos. Sendo assim, o tema **Bandas de PE** é uma busca pelas origens dos projetos que podem incluir e transformar.

Contudo, para dissertar sobre o **Projeto Bandas de PE (Pernambuco): sua importância sociocultural na perspectiva dos professores ministrantes**, iniciamos nosso Capítulo I com um estudo bibliográfico sobre bandas de música e um levantamento histórico e sociocultural de bandas no Brasil. Além disso, fizemos algumas colocações sobre a inclusão social que as bandas proporcionam, e sobre a história do projeto **Bandas de PE**.

No capítulo II, optamos por trabalhar de forma múltipla, utilizando as estratégias metodológicas da pesquisa qualitativa, que tem como foco o específico, o particular e o individual, e não privilegia nem o “sujeito” nem o “objeto”, mas as relações entre ambos, o que a torna descritiva. (RAMPAZZO, 2002). Além disso, fizemos algumas conceituações sobre o arcabouço teórico-metodológico e o diálogo entre ele.

No capítulo III, abordamos a análise documental referente ao objeto de estudo. Para tanto, foi importante o conhecimento teórico-metodológico para a leitura das falas e a construção dissertativa.

Nas considerações finais, sintetizamos o trabalho de pesquisa, tanto nas questões históricas quanto no que diz respeito à análise das entrevistas propriamente ditas.

Capítulo I

1. BANDAS DE MÚSICA: Reminiscências de Inclusão Sociocultural

1.1 Um Legado Histórico e Sociocultural: Bandas de Música

As bandas de música constituem um celeiro musical, pois interpretam diversos gêneros como maxixe, samba, dobrado, frevo e outros. Elas fazem parte de diferentes momentos sociais das cidades, reunindo realidades sociais divergentes em momentos de lazer. Quando falamos em banda de música nos remetemos a um grupo instrumental, bastante antigo, composto por instrumentos de sopro e percussão. Ela é formada por cidadãos de diferentes idades e classes sociais. Poderíamos então, definir banda de música “[...] como um conjunto que abrange instrumentos de sopro, acompanhados de percussão. (ANDRADE, 1989, p. 44).

Dessa forma, por fazer parte de um grupo tradicional da história, a Banda incorpora o ser humano de

múltiplas raízes: familiares, étnicas, regionais, nacionais, religiosas, partidárias, ideológicas, culturais. Sua vida é uma totalidade, na qual processos diversificados conformam a dinâmica do viver. Dessa forma, a memória e a história são, cada uma a seu modo, registros dessa pluralidade, ao mesmo tempo em que são antídotos do esquecimento. (DELGADO, 2010, p. 51).

Então, na origem dos grupos musicais, no século XVIII na França, estes “[...] atuavam mais a serviço dos reis, dos nobres e das igrejas, não possuindo a conotação popular que existe hoje.” (BINDER, 2006, 8).

De acordo com Rhalizani (2020), durante a revolução Francesa a música foi se adaptando. Ainda a esse respeito, Rhalizani (2020) assevera que a França revolucionou, nesse período, com a criação da primeira escola e conservatório de música em Paris, em 1795, como um novo sistema educativo no qual inclui a música como uma disciplina a ser ensinada, e ainda se encontra em atividade até hoje. Por essa razão, o conservatório de Paris

forneceu performances superiores, e musicais, a cantantes, instrumentais e estudiosos dedicados à teoria e à história da música. Mais tarde, emergi como pioneiro dos grandes conservatórios nacionais e regionais em toda a Europa, sendo hoje um dos mais dominantes do continente. (Idem, Ibidem, p. 01).

No caso do Brasil, a música chegou com o início da colonização. A música era organizada pelos padres jesuítas com o objetivo de catequizar os nativos (índios). Segundo

Fonseca (2015, p. 85), “estes utilizavam a voz e alguns instrumentos, como flauta, gaita, tambores, viola e cravo, na interpretação da música com características ibérica e medieval”. Juntamente com a cultura europeia, indígenas e africanos tornaram, no Brasil, a musicalidade mais rica com a junção dos instrumentos musicais. (FRANÇA, 1953).

Nessa época, para padres e professores a educação representava um processo de polidez e civilidade, e a educação musical servia como adestramento para os nativos. Nessa direção, Pedro Demo destaca que, “toda educação é, pelo menos em parte, adestramento e domesticação.” (1985, p. 50).

Foi no século XVII que a música se tornou mais popularizada no Brasil, esse fato se deu com a cultura e ritos africanos trazidos pelos escravos da época. Foi a partir dessas manifestações culturais que começou a formação da música popular brasileira como a que conhecemos hoje.

Fonseca assevera que,

os conjuntos musicais antecessores das bandas de música brasileiras foram os chameleiros e as chamadas bandas de barbeiros. Estes últimos eram formados por escravos libertos, que tinham também em comum o fato de exercerem a profissão de barbeiro. (FONSECA, 2015, p. 86).

Segundo Tacuchian (1982, p. 66), chameleiros “era a denominação genérica que se dava a grupos de instrumentistas de sopro e percussão”. Ainda nesse sentido, Granja afirma, esses “[...] pequenos grupos de negros chameleiros foram o núcleo embrionário das bandas de música brasileiras” (GRANJA, 1986, p. 91), cuja finalidade era produzir a música para o entretenimento público.

Assim, no Brasil, as bandas “[...] contribuíram para o aprendizado musical, revelando grandes maestros, compositores e instrumentistas.” (COSTA, 2011, p. 242). Observamos que, “o contrário de grupos de câmara que geralmente possuem um número definido na sua constituição instrumental, a banda de música apresenta certa flexibilidade quanto ao número de sua composição instrumental (maior número de integrantes).” (FONSECA, 2015, p. 87).

Contudo, com o fim da escravidão, e a vinda de italianos (e outros povos) ao Brasil para trabalhar nas lavouras de café e algodão, surge uma nova cultura, imbuída de novos ritmos musicais. Com o passar do tempo,

a banda de música foi considerada [...] uma das instituições mais populares no Brasil. Durante o século XIX e XX, contribuiu para a formação de capacitados músicos

destinados às orquestras e a evolução de vários gêneros em voga no período [...]. (COSTA, 2011, p. 249).

Foi com a chegada da Corte portuguesa que as bandas passaram a ser chamadas para tocar nas festas da família real. Esse fato “[...] acompanhava novas formas da cultura aristocrática europeia, compartilhada pela oficialidade luso-brasileira [...]” (BINDER, 2006, p. 125). Nesse período, a popularidade das bandas é substituída pelas bandas dos regimentos, e muitos regentes e compositores adquiriram partituras eruditas vindas de Lisboa e outros países europeus.

Mesmo assim, a banda de caráter popular permaneceram se apresentando, como afirma Fonseca,

no início do século XIX, os conjuntos de músicos urbanos (barbeiros) do Brasil tornaram-se mais frequentes, permanecendo ligados às tradições profanas e litúrgicas. [...] Os barbeiros das cidades, sempre conduzidos por seus mestres, produziram a música de forma mais espontânea e popular. Ao contrário, os músicos das bandas de fazendas que, na sua maioria, expressava a preocupação orquestral sob a direção de mestres europeus, eram usados para mostrar a ostentação e poder dos seus proprietários. (FONSECA 2015, p. 86).

Contudo, mesmo que existisse a performance da música erudita para a elite aristocrática, as bandas de música compostas pelos barbeiros eram responsáveis em disseminar a cultura religiosa e profana, agregando um maior número da população.

1.2. A Importância do Ensino de Música como Inclusão Social.

Quando pensamos em “inclusão social”, a primeira referência que vem à mente diz respeito aos problemas de desigualdade em nossa sociedade. No entanto, o conceito pode ser estendido a outros casos, como deficiências, pessoas com dificuldade de aprendizado ou problemas psicológicos. Enfim, o papel da música pode ser crucial para facilitar a inclusão dessas pessoas em um grupo e, conseqüentemente, mudar suas vidas.

Compreendemos que “a música é uma atividade que explora diversos sentidos do ser humano como a paciência, concentração, autodisciplina, coordenação, memorização, sensibilidade etc.” (VIEIRA, 2017, p.13). Além disso, quando praticada propicia na pessoa uma destreza maior em resolver problemas matemáticos, além de apurar a memória e o sentido auditivo. (VIEIRA, 2017). Nesse aspecto, especificamente em Pernambuco no século XIX, o ensino de música veio da iniciativa política, abrigando menores desvalidos. Foram criadas em

Recife, em 1831, as instituições: Colégio dos Órfãos e Colégio das Órfãs, que passaram a funcionar a partir de 1835.

Segundo Zorzal e Ferreira (2016, p. 159), as instituições supra citadas adotaram como metodologia “[...] o ensino das primeiras letras, a formação religiosa e moral como atividades básicas [...]”. Porém, oferecia outros conhecimentos diferenciados entre meninos e meninas. Então,

[...] para os meninos são oferecidas aulas de geometria, música, artes e ofícios;” [...] A presença da educação musical no currículo do Colégio dos Órfãos e do Colégio das Órfãs é ratificada com a admissão, em 1837, do professor Thomas da Cunha Lima Cantuária, que se torna encarregado de ministrar canto, solfejo, clarinete, trombone, oboé, flauta, rabeca e trompa. (ZORZAL e FERREIRA, 2016, p. 159).

Percebemos, que o ensino de música chega a ocupar, por algum tempo, certo destaque na formação desses educandos daqueles colégios pelos relatório da província de Pernambuco, daquela época, “No Collegio dos orphãos dá-se a estes filhos adoptivos da Provincia a instrucção elementar e se lhes ensina a Muzica. Nesta arte muito delles se tem distinguido, o que deve-se attribuir tanto a sua aptidão, como ao desvello do Professôr respectivo.” (RPPE, 1843, p. 15). Durante 35 anos, esses colégios garantiram, de certa forma, uma inclusão social, pois, não apenas em Pernambuco, mas em outras províncias (do atual nordeste), que formaram bandas de música que se apresentavam “[...] em eventos, principalmente os religiosos.” (Zorzal e Ferreira, 2016, p. 162).

Nesse sentido, destacamos a importância da música como garantia de uma educação inclusiva que proporciona o contato com a diversidade e troca de experiências que envolve a vivência de cada indivíduo. A rica cultura musical proporciona o acesso de crianças, adolescentes e adultos a um conhecimento e transformação social.

Desse modo, podemos afirmar que a música “estimula a criatividade, através de descobertas de sons na utilização de elementos significativos, tais como o próprio corpo, a natureza e o ambiente que nos cerca.” (SOUZA; ATAURI, 2009, p.10).

Nesse sentido, o projeto **Bandas de PE** vem fazendo um trabalho de inclusão e cidadania quando leva música e cultura para as cidades que fazem parte do ciclo do mesmo.

É a partir dessa perspectiva, de inclusão e educação através da música, que o projeto tem ganhado cada vez mais apoio por parte dos alunos e professores na construção do saber musical.

A história da música teve uma mudança a partir de 1854, quando é regulamentada a reforma do ensino primário e secundário do Município da Corte, por meio do decreto Nº 1.331-A, em 17 de fevereiro de 1854.¹¹

Especificamente, nesse decreto, o Art. 80 determina “além das matérias das cadeiras mencionadas no Artigo antecedente, que formam o curso para o bacharelado em letras, se ensinarão no Collegio huma das línguas vivas do meio dia da Europa, e as artes de desenho, música e dança.”

Porém, infelizmente naquela época ainda não existiam profissionais para tal função, daí a música passou a ser usada para controlar alguns alunos em sala de aula.

Mesmo assim, a musicalização disseminava uma inclusão social, como atesta Araújo (2020),

o desenvolvimento e os benefícios causados pelo ensino e inclusão da musicalização nas aulas não **são** tido como fator importante nas escolas, mas isso tende a mudar depois que as autoridades governamentais e, pelo ex-presidente Luís Inácio Lula da Silva com a lei 11.769, sancionada em agosto do ano de 2008, que faz por obrigatório o ensino musical nas instituições de ensino do Brasil. A lei tem como finalidade propor que as escolas ensinem música dentro de um contexto formativo e abrangente. (ARAÚJO, 2020, p. 01, grifo nosso).

Diante disso, podemos considerar que a lei nº 11.769 foi uma conquista para a educação musical do nosso país, pois pondera o ensino da música nas escolas de educação básica. Porém, vemos com ressalva o § 6º que versa a obrigatoriedade do conteúdo de música, mas não exclusivo. Esse fato, nos torna apreensivos no que concerne a profissionais da área para atender essa demanda, pois na maioria das vezes, o conteúdo será ministrado por professores de educação artística e não por um professor licenciado em música. Contudo, nesse contexto, a educação musical propicia a valorização cultural na sua diversidade existente.

Na atualidade, o trabalho com a música deve ser considerado como “um meio de expressão e forma de entendimento acessível as crianças. A linguagem musical é um excelente meio para o desenvolvimento da expressão, do equilíbrio, da autoestima e autoconhecimento, além de poderoso meio de integração social.” (BRASIL, 1996, p. 49).

¹¹ Publicação Original - Legislação Informatizada - **DECRETO Nº 1.331-A, DE 17 DE FEVEREIRO DE 1854**
- Publicação Original <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1824-1899/decreto-1331-a-17-fevereiro-1854-590146-publicacaooriginal-115292-pe.html>

Corroborando com essa ideia, Garcia e Santos (2012), destacam que a música é uma ferramenta poderosa, podendo transformar sensações e alterar percepções; além disso, a música pode ser usada para inúmeras coisas como terapia, inclusão social e desenvolvimento de habilidades.

Diante dessa afirmação, destacamos que os professores, junto a seus coordenadores, sentem-se orgulhosos por contribuírem para o crescimento profissional e pela inserção social de todos aqueles que estão envolvidos no projeto **Bandas de PE**. É por meio da música que percebemos a transformação da realidade de muitos jovens integrantes no Projeto.

Observamos na figura 01, como o projeto, por meio da educação e da música, estão transformando vidas nas cidades do interior de Pernambuco.



Figura 01– fotografia da reunião dos participantes em uma aula de música².

A fotografia comprova a participação e acolhimento do projeto **Bandas de PE**, no que compete a aquisição de conhecimento e inclusão social. Contudo, podemos afirmar que a música

[...] tem um grande poder de interação e desde muito cedo adquire grande relevância na vida de uma criança despertando sensações diversas, tornando-se uma das formas de linguagem muito apreciada por facilitar a aprendizagem e instigar a memória das pessoas. (Araújo, 2020, p. 01).

² **Fonte:** Jornal de Caruaru (2017).

Enfatizamos a importância que o meio afeta na formação do sujeito. Logo, podemos citar o caso de Heitor Villa-Lobos (1887-1959), que recebeu forte influência de seu pai que o ensinou clarinete e violoncelo e de uma tia que ouvia composições de Johann Sebastian Bach.

Mesmo antes de 1932, Villa-Lobos foi precursor do ensino da música como elemento transformador, valorizando a cultura popular e regional. Nesse ano, ele foi convidado pelo Diretor Geral do Departamento de Educação, e é nomeado diretor da Superintendência de Educação Musical e Artística (SEMA); Isso se deu devido ao seu projeto de inclusão social através da música. Sendo assim, o seu projeto seria “[...] o propulsor de energias cívicas que atingiriam de maneira indelével uma grande parte da população brasileira.” (OLIVEIRA, 2011, p. 02). Mesmo que a intenção de Villa-Lobos fosse a ideia de uma disciplina coletiva, não podemos negar a grande contribuição “[...] para o pleno desenvolvimento cultural e artístico da sociedade brasileira.” (OLIVEIRA, 2011, p. 02).

Destacamos, também, Angenor de Oliveira (o mestre Cartola 1908-1980), que recebeu influência nas suas escolas de estilo musical, bem como, de sua família que “vivía de música”. Cartola usou a música para protestar e dizer que os estilos de música não têm cor e nem classe social; já que o mesmo era negro e vivia em uma favela do Rio de Janeiro - RJ. A música para ele foi um divisor de águas.

Contudo, elucidamos a importância dos projetos sociais voltados para música no Brasil, e podemos destacar que o Projeto **Bandas de PE** propicia uma habilidade na abordagem voltada à formação instrumental e musical de seus alunos, inserindo-os na sociedade.

1.3. Onde tudo começou: Conservatório Pernambucano de Música

Antes de falarmos sobre o projeto **Bandas de PE**, faz necessário o conhecimento por onde começou, o Conservatório Pernambucano de Música. Este, fundado em 17 de julho de 1930, como resultado dos esforços de um grupo de músicos liderados pelo professor e maestro Ernani Braga, cujo projeto de fundação foi abraçado pelo deputado Arruda Falcão. (ZORZAL; FERREIRA, 2016, p.169). Seu primeiro estatuto tinha como orientação “difundir o ensino teórico e prático da música, acessível a todas as classes sociais” (Conservatório Pernambucano de Música, 2016).

Desde o início de sua história tinha um caráter democratizador do ensino de música no estado. No ano de 1941, “[...] o Conservatório é transformado em autarquia administrativa e,

nesse mesmo ano, cumpre-se a formação da Orquestra Sinfônica do Recife, objetivo previsto desde o primeiro estatuto do Conservatório.” (ZORZAL; FERREIRA, 2016, p.169).

Mas, é nos fins da década de 60’ que recebeu nova regulamentação com mudanças administrativas e ampliação dos seus objetivos pedagógicos. Foi por meio do Decreto nº 1490 (FERREIRA, 2014, Apud ZORZAL; FERREIRA, 2016, p.169), que o governo do estado aprovou uma série de medidas que visavam a “[...] incrementação do bom gosto musical e a difusão e popularização do ensino teórico e prático da música, nos níveis elementar e médio, para todas as classes sociais”.

Além disso, o novo regulamento previa a criação dos

[...] cursos de iniciação musical, ginástica rítmica e instrumentos (flauta, oboé, clarinete, fagote, trompa, trompete, trombone e percussão), um quarteto de cordas, um coral estadual e uma banda de música infanto-juvenil. Além disso, inclui a realização de concursos regionais e nacionais de música erudita e popular. (ZORZAL; FERREIRA, 2016, p.169).

Contudo, nos dias hodiernos, o Conservatório Pernambucano de Música é vinculado à Secretaria de Educação e Cultura do Estado. Aliás, entre os anos de 1989 a 1997, teve que se “[...] adequar aos desafios impostos pelas demandas sociais ao ensino de música no estado, além de se ajustar ao Ensino Profissionalizante de Música e à Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), a instituição passa por reformas administrativas e pedagógicas”. (ZORZAL; FERREIRA, 2016, p.169-170).

Por fim, a partir de 2007, foi criado o projeto de **Bandas de PE**, que se tornou, através do Conservatório Pernambucano de Música, um programa promovido pela Secretaria de Educação.

1.4. O Projeto Bandas de PE

Nomeamos, especificamente, como objeto de estudo o projeto **Bandas de PE (Pernambuco): sua importância sociocultural na perspectiva dos professores ministrantes**, por considerar relevante sua ação na formação do ensino de instrumento e um “laboratório” da prática musical. Além disso, a banda de música é responsável pela educação musical.

O projeto **Banda de PE**, por meio das Bandas de Música enquanto núcleos de conhecimento musical leva à sociedade a propagação cultural.

O Bandas de PE é um projeto pioneiro no Estado, que integra, o ensino musical para instrumentistas independentes ou de bandas; ocorrendo de forma periódica entre as cidades participantes do interior.

Todavia, o projeto **Bandas de PE** foi pensado e construído após uma conversa que o professor Diógenes Colorau Pires teve com o jornalista Renan Pimenta, já que este tinha feito um trabalho catalográfico de todas as bandas do Estado e, por meio dessa conversa surgiu a ideia do projeto **Bandas de PE**, em 2007.

O projeto é desenvolvido pelo Conservatório Pernambucano de Música (CPM) com suporte da Secretaria de Educação (SE), a qual promove o programa. No release do projeto **Bandas de PE**, concedido para fins da pesquisa, destacamos o desenvolvimento das atividades do projeto, as quais se apresentam da seguinte forma:

As atividades são divididas em Concertos-aula, Difusão e Pesquisa. Para desenvolver o programa, os profissionais do Conservatório trabalham a partir de três eixos estruturadores: democratização do estado (referente à qualidade de vida); transposição do conhecimento (levando em conta a interiorização da cultura); e o desenvolvimento econômico para todos. (UNIDADE TÉCNICA SEE – CONSERVATÓRIO PERNAMBUCANO DE MÚSICA).

Dessa forma, o projeto **Bandas de PE**, constituído de oito habilitações musicais, é composto por oito professores e um coordenador, dividido para os seguintes instrumentos: flauta, clarinete, saxofone, trompete, trombone, tuba, trompa e percussão, justamente os instrumentos que predominam em uma banda de música. Além desses docentes, há um maestro para dar aulas de regência que, no final de cada ciclo, rege o repertório trabalhado durante o curso, e um editor de partitura. O objetivo do projeto é dar suporte a todas as bandas do Estado através das cidades sedes. Todo suporte financeiro vem do governo do Estado através do Conservatório Pernambuco de Música. Para isso, o projeto atua por regiões: Mata Norte, Mata Sul, Agreste e Sertão.

Antecipadamente, o projeto faz um mapeamento preliminar da região em que irá atuar, visando entender a logística de cada município participante e planejando suas aulas nos cursos, com o intuito de deixar um legado no término de cada ciclo, como também, que cada participante se torne multiplicador do processo de aprendizagem musical.

Por essa razão, destacamos a relevância das bandas de música e seu papel desempenhado, cuja função

[...] é bastante importante no ensino e aprendizagem musical. Utilizando o ensino de instrumento como ferramenta principal para o desenvolvimento musical do indivíduo, as bandas estão inseridas em diversos contextos e a interação com a comunidade é

bem maior com relação a outros grupos. O acesso ao instrumento musical também é bastante facilitado, fazendo com que pessoas que não têm nenhuma condição de adquirir um possam iniciar seus estudos na banda da escola, da sua cidade ou em outras instituições que a utilizam como principal meio de ensino musical. (NÓBREGA, 2018, p. 25-26),

Por ser o autor do projeto instrumentista de sopro e ter sido oriundo de bandas marciais ou fanfarras, assim como a maioria dos músicos que participam do projeto **Bandas de PE**, consideramos haver uma grande identificação do pesquisador com o objeto pesquisado, uma vez que o seu primeiro contato com o instrumento foi por meio dessas bandas, durante a escolaridade da educação básica em escolas públicas de Pernambuco.

Contudo, as bandas de músicas desempenham um importante papel na formação dos instrumentistas das cidades interioranas. Segundo o Portal da Cultura de Pernambuco, nele é destacada a existência de inúmeras bandas de músicas no Estado, as quais são

Também reconhecidas como importantes núcleos de formação musical, apenas em Pernambuco existem mais de 200 bandas de música. A tradição é tanta que, 30 delas são centenárias e 4 já foram agraciadas com o título de Patrimônio Vivo do Estado. São elas: a Associação Musical Euterpina de Timbaúba, a Banda Revoltosa (Nazaré da Mata), a Banda Curica (Goiana) e a Sociedade Musical Euterpina Juvenil Nazarena, que também figura entre as vencedoras deste Prêmio da Funarte. (PORTAL DA CULTURA DE PERNAMBUCO, 2014, p. 01).

Dentro desse cenário, entendemos que o projeto **Bandas de PE** representa uma oportunidade para instrumentistas de bandas, incluindo seus discentes na sociedade por meio da educação musical. Defendemos que a música é uma sinfonia de saberes, uma oportunidade de crescer pessoalmente como profissionalmente. A música possui um caráter múltiplo para terapia, unir pessoas, ensinar, aprender, disciplinar, estimular e de descobertas de outras culturas, dentre outros.

Segundo Marcondes, a música é uma forma poética, ela é

[...] uma mídia extremamente poderosa e em alguns países estrangeiros, ou até mesmo no passado brasileiro, houve uma tentativa forte de controlá-la. Existe um motivo especial para a música ser tão capaz de se comunicar com grupos tão grandes e tão diferentes de pessoas. E esse motivo é a comunicação além de palavras. Além disso, ela pode ser compartilhada e promover o desenvolvimento de diferentes grupos de diferentes etnias, opiniões políticas e até mesmo opiniões musicais. (MARCONDES, 2017, p. 01).

Dessa forma, a música impulsiona criatividade nas formas de compreender o mundo, é uma soma dos variados sentimentos. Por essa razão,

Como função criativa a música amplia nossa compreensão do mundo e possibilita um inter-relacionamento entre o que sentimos e o que pensamos [...] A interface musical não só favorece a “educação” dos sentimentos como possibilita o desenvolvimento

cognitivo, particularmente por suas relações lógicas e matemáticas, assim como a prática do cálculo o faz em relação ao pensamento. (SEKEFF 2002, p. 122-123).

Dentro deste contexto, o projeto **Bandas de PE**, com seus ensinamentos, tem contribuído bastante para o crescimento profissional, cultural e humano das comunidades envolvidas.

Entretanto, não olvidamos o papel da Banda que, desde muito tempo, tocavam festejos cívicos públicos em todo Brasil. Além disso, elas são um espaço de ingresso para o ensino e aprendizagem musical.

Holanda Filho (1989) assinala sobre o papel das bandas de música no contexto social, educacional e artístico em Pernambuco. O autor ressalta que os professores do projeto **Bandas de PE** têm uma participação fundamental na vida dos alunos participantes do projeto.

Holanda Filho (1989) reforça, ainda, que

a banda exerce o papel de popularizar a música e o ensino musical, tornando a mesma um elemento de aculturação de massa, atingindo todas as classes sociais, além de que a banda instrui o integrante dando-lhe um conhecimento profundo do significado da música, com suas origens, técnicas utilizadas para execução de instrumentos e composições. (HOLANDA FILHO, 1989, p. 61-62).

Ainda a esse respeito, enfatizamos que a atuação da banda era

imprescindível nos coretos das pequenas cidades, em praças, festas públicas, religiosas ou cívicas, festas e bailes populares, procissões, carnavais, recepções e homenagens a pessoas importantes, circos, apresentações de mágica, enterro de pessoas importantes, campanhas políticas dentre outros. (GOMES, 2008, p. 20).

Interpelamos as diversas atuações das bandas de música até os dias de hoje, e sabemos que ela é possível, pela sua formação, constituir

[...] grupo formado majoritariamente por instrumentos de sopro e percussão podendo ter alguns instrumentos de sopro de pequeno porte utilizados nas orquestras, como é o caso do oboé e do fagote. Podem executar um repertório bastante variado, com exceção de grandes peças escritas para orquestras sinfônicas. Seu emprego ocorre (sic) em deslocamento ou parado, porém não enfatiza as evoluções. (NASCIMENTO, 2007, p.39).

Tal composição nos leva a um paralelo com o projeto **Bandas de PE**, que possui quase que a mesma composição, mantendo um padrão adequado para o desenvolvimento de suas técnicas na execução performática.

1.5. O Movimento do Projeto Bandas de PE

Como falamos anteriormente, o projeto **Bandas de PE** é periódico, sendo assim, durante sua funcionalidade, objetiva atingir vários municípios, como também, capacitar anualmente músicos e maestros das bandas musicais existentes no Estado.

De 2007 a 2019, 36 cidades foram beneficiadas pelo projeto **Bandas de PE**, são elas: Afogados da Ingazeira, Altinho, Barreiros, Belém de São Francisco, Belo Jardim, Bezerros, Bom Jardim, Cabo, Carnaíba, Caruaru, Chã Grande, Condado, Flores, Floresta, Garanhuns, Goiana, Gravatá, Itaquitinga, Limoeiro, Nazaré da Mata, Orobó, Palmares, Passira, Paudalho, Petrolândia, Parnamirim, Salgueiro, Santa Cruz do Capibaribe, São Lourenço, Surubim, Tacaimbó, Taquaritinga do Norte, Timbaúba, Toritama, Triunfo e a capital Recife.

Mas o projeto é ambicioso, pois tem pretensão da ampliação do número de cidades. Dessa forma, levará a música e os ensinamentos musicais para mais alunos. Durante o período supracitado, o projeto atuou e atendeu a 3.936 alunos; O que parece pouco, mas é um número considerável quando falamos em atender as microrregiões do Estado com uma média de três a cinco eventos anuais.

Segundo o Conservatório de música (2020), o projeto divide-se em três seguimentos, aula teórica, aula prática e Concerto de encerramento no último dia, quando se apresentam os alunos com os professores.

O projeto objetiva não apenas ensinar e levar música para os alunos, mas, também, formar multiplicadores de experiências como forma de incentivo e valorização dos alunos. Esses, ao concluírem o curso, recebem certificados; e como resultado positivo, muitos deles prosseguem os estudos de música.

Contudo, podemos acompanhar no gráfico da figura 02, o crescimento do projeto **Bandas de PE**, de forma generalizada, do seu início em 2007 até 2019, nos municípios integrados.

Denominamos como referência a linha horizontal de X, alusiva aos anos. Já a vertical de Y, a qual representa os 185 municípios que compõem o Estado, e o percentual de municípios inscritos no projeto.

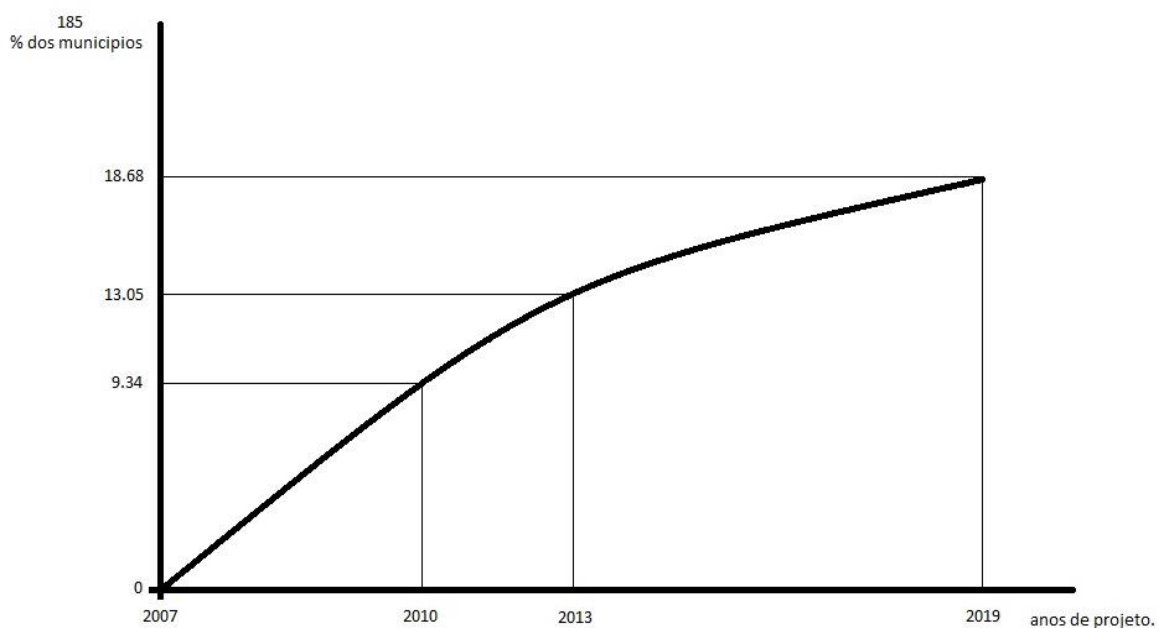


Figura 02 – Gráfico de porcentagem do crescimento do projeto.

Observamos, então, que no ano inicial do projeto, 2007, temos 0% de atividade e municípios escritos.

Portanto, nossa linha gráfica (linha central), no ano de 2010, atinge o percentual de 9,34%, equivalente a 17 municípios. No ano de 2013, alcançou 13,05%, ou seja, 24 municípios integrados ao projeto. E no ano de 2019, 18,68%, referente a 34 municípios integrados. Vale ressaltar que alguns desses municípios sedes, agregaram cidades circunvizinhas, dessa forma, abrangeram ainda mais o projeto. Contudo, a importância do projeto é perceptível pelo seu aumento gradativo. Sendo assim, por meio da educação musical, o projeto **Bandas de PE** tem alcançado um dos seus objetivos que é capacitar músicos e regentes das bandas filarmônicas dos municípios pernambucanos.

Capítulo II

2. Um Diálogo Teórico-Metodológico

O presente estudo, sobre o **Projeto Bandas de PE (Pernambuco): sua importância sociocultural na perspectiva dos professores ministrantes**, teve como objetivo analisar a função do projeto **Banda de PE** quanto a formação musical dos alunos e seus desafios pedagógicos, bem como, a importância da música como inclusão social na perspectiva dos professores participantes.

Nosso cronograma de pesquisa aconteceu em três fases distintas. A primeira fase, para construção dissertativa do objeto de estudo, foi a pesquisa bibliográfica. A segunda fase, foi a observação e acompanhamento do projeto **Bandas de PE**, *in loco*, nos meses de julho e agosto de 2019; pois, é quando ocorrem, geralmente, os ciclos. Por fim, nos meses de setembro e outubro, as entrevistas semiestruturadas ao corpo docente.

Para coletarmos dados relevantes a pesquisa, levantamos algumas questões referentes ao projeto **Bandas de PE**, no que concerne as questões históricas, pedagógicas e sociocultural, do mesmo.

A pesquisa envolveu diferentes aspectos educativos. Nessa fase, o pesquisador voltou-se a entrevistar a grande maioria dos professores do projeto, com perguntas referentes ao aprendizado dos alunos, o legado deixado por eles, e suas contribuições para o processo sociocultural, profissional e humano. Para tanto, o pesquisador, na função de observador, participou de um ciclo do projeto de **Bandas de PE** em uma cidade sede determinada pela organização do mesmo.

Analizamos as aulas oferecidas pelos professores do projeto tendo como foco a didática de cada professor, a frequência dos alunos participantes e o encerramento do ciclo. Ressaltamos, as dificuldades encontradas para obter informações, especificamente do projeto, pois o projeto não possui materiais impressos e nenhum site específico.

Os dados relevantes à pesquisa foram cedidos pelo coordenador do projeto. É relevante compreendermos que as entrevistas, aos professores ministrantes, se limitou a apenas quatro (04); estes foram selecionados por serem os pioneiros do projeto, bem como, por alguns professores serem de instituições estaduais e federais e, inclusive, possuírem a titulação de doutor. Por essa razão, reconhecemos o alto nível de qualidade do cometimento do projeto.

Para tanto, utilizamos diferentes metodologias que corroboram para o estudo científico; dentre elas, a consulta de dados impressos e sites do governo, revistas, periódicos, documentos, em fim, a pesquisa bibliográfica, a qual “[...] é feita a partir do levantamento de referências teóricas analisadas, e publicadas por meios escritos e eletrônicos” (FONSECA, 2002, p. 32).

O nosso suporte teórico-metodológico implicou, ainda, em uma pesquisa qualitativa que, de acordo com Triviños, considera que

o pesquisador será eficiente e altamente positivo para os propósitos da investigação, se tiver amplo domínio não só do estudo que está realizando, como também do embasamento teórico geral que lhe serve de apoio.” (TRIVIÑOS, 1987, p. 132).

Corroborando com essa ideia, Malhotra (2001, p.155) assevera que, “a pesquisa qualitativa proporciona uma melhor visão e compreensão do contexto do problema, enquanto a pesquisa quantitativa procura quantificar os dados e aplica alguma forma da análise estatística”.

Assim, a pesquisa qualitativa pode explicar os resultados obtidos da pesquisa quantitativa. Ela, também “[...] atravessa disciplinas, campos e temas” (DENSYN; LINCOLN, 2006, p. 16), propiciando um diálogo dos mais variados materiais empíricos.

Dessa forma, a pesquisa qualitativa caracteriza-se por ser “[...] interpretativa, baseada em experiências, situacional e humanística” (STAKE, 2011, p. 41). Compete ao pesquisador, “por meio da classificação, da comparação, da aplicação dos métodos, da análise e síntese, [...] extrair do contexto social, ou do universo, princípios e leis que estruturam um conhecimento rigorosamente válido e universal.” (FACHIN, 2003, p. 11).

Consideramos que a análise dos dados, coleta de informações e análise em geral, acontecem simultaneamente e são de suma importância na pesquisa qualitativa como certifica Triviños:

A dimensão subjetiva deste enfoque, cujas verdades se baseiam em critérios internos e externos, favorece a flexibilidade da análise dos dados. Isto permite a passagem constante entre informações que são reunidas e que, em seguida, são interpretadas, para o levantamento de novas hipóteses e nova busca de dados. (TRIVIÑOS, 1987, p. 170).

Neste momento, ao fazer a análise dos dados, o posicionamento do pesquisador é extremamente relevante, pois ele deve defender e ressaltar os critérios teóricos, os conhecimentos dos problemas investigados e as mudanças que a pesquisa pode apresentar no seu percurso investigativo.

Assim, Triviños afirma:

É um requisito óbvio do investigador, que este deve ter vasta e segura visão das teorias que hipoteticamente possam surgir entre os respondentes. Por outro lado, o seu conhecimento dos aspectos fundamentais do problema que está estudando também deve ser aprofundado e a cada instante da pesquisa essa informação deve ser aperfeiçoada, sem preconceitos. (TRIVIÑOS, 1987, p. 171).

Consideramos que toda pesquisa científica

[...] é a exploração, é a inquisição, é o procedimento sistemático e intensivo, que tem por objetivo descobrir e interpretar os fatos que estão inseridos em uma determinada realidade. A pesquisa é definida como uma forma de estudo de um objeto. Este estudo é sistemático e realizado com a finalidade de incorporar os resultados obtidos em expressões comunicáveis e comprovadas aos níveis do conhecimento obtido. (BARROS; LEHFELD, 1990, p. 14).

Contudo, compreendemos que o nosso objeto de estudo abrange fatores socioculturais, por esta razão, utilizamos os estudos da História Cultural. Ela (História Cultural), se preocupa em estudar a produção cultural das civilizações, como assevera Peter Burkert (2008, p. 38-39): “A ideia de cultura implica a ideia de tradição, de certos tipos de conhecimento e habilidades ligados por uma geração para a seguinte”. Este diálogo teórico se fez por se tratar do ensino da música como conhecimento e produção cultural material e imaterial da sociedade.

Optamos, também, em utilizar a alternativa metodológica da história oral para responder às demandas postas por este estudo. A história oral é reconhecida por valorizar a memória dos sujeitos, buscando na tradição oral e nas experiências vividas por atores sociais colocados à margem da história. Desse modo, a fonte oral passa a ser considerada legítima na reconstrução de um presente ou de um passado. De acordo com Delgado (2006):

A história oral é procedimento metodológico que busca, pela construção das fontes e documentos, registrar, através de narrativas induzidas e estimuladas, testemunhos, versões e interpretações [...]. (DELGADO, 2006, p.16).

Assim, acreditamos que a história oral como metodologia atendeu aos fins dessa pesquisa, pois através das lembranças e dos testemunhos orais foram revelados os conflitos, as práticas culturais, as experiências, as lutas cotidianas, a própria visão que os sujeitos têm sobre suas vidas e sobre o mundo que os rodeia. Nesse sentido, Thompson (1992, p. 137) afirma a proeminência oral no sentido de transformar os “objetos” de estudo em “sujeitos”; sendo assim, transformando para uma história mais rica e “também mais verdadeira.”

Nessa expectativa, passaremos pela memória individual e coletiva. Contanto, Maurice Halbwachs (2003, p. 133) assevera que “A memória coletiva retrocede no passado até certo limite, mais ou menos longínquo conforme pertença a esse ou aquele grupo”. Para o autor, a memória individual constitui uma representação da memória coletiva. Assim, na construção da

história de vida destacamos os estudos biográficos, os quais recuperaram, nas últimas décadas, o prestígio. Nesse contexto, partimos do pressuposto de que os discursos são produzidos em lugares privilegiados de representações socioculturais e históricas. Noutras palavras, a construção das representações simbólicas culturais e ideológicas de uma sociedade segue ao longo de toda a vida, continuamente, infindavelmente.

Assim, para compreendermos **o projeto bandas de PE (Pernambuco): sua importância sociocultural na perspectiva dos professores ministrantes**, realizamos entrevistas com Professores com a finalidade de “[...] colher e ouvir, em sua singularidade, a fala de uma pessoa num momento x de sua existência e de sua experiência.” (DELORY-MOMBERGER, 2012, p. 526).

Para dissertar sobre a temática, fizemos uso de entrevistas com os professores ministrantes do projeto, os quais, denominaremos neste trabalho seguido de forma numérica romana para cada fala. Optamos por essa nomenclatura para resguardar os participantes da pesquisa de acordo com o código de ética de trabalhos científicos. Além disso, suas falas analisadas resultaram na parte dissertativa de acordo com os objetivos e as perspectivas do nosso estudo. Assim, consideramos que a história oral se constitui, não apenas numa fonte, mas em uma metodologia também.

Nessa expectativa de extensão das fontes, consideramos que as entrevistas dos professores participantes foram relevantes para o desenvolvimento e concretização deste objeto de estudo.

Pesquisamos nos acervos do Conservatório Pernambucano de Música, no seu site e no site do governo de Pernambuco, porém o material bibliográfico referente ao projeto é escasso. A dificuldade foi enorme em encontrar material impresso sobre o projeto **Bandas de PE**. Entretanto, em razão das entrevistas concedidas pelo coordenador e pelos professores ministrantes, obtivemos narrativas que contribuíram para a construção do nosso objeto de estudo.

Contudo, encontramos algumas matérias nos Jornais locais, as quais analisamos a maior parte da produção. Destacamos a importância dos jornais na construção do imaginário e na representação da identidade da sociedade, pois eles alcançam uma sincronia com grande número de pessoas, de quem se sabe da existência, mas não conhece. Além disso, as notícias diárias são lidas, ouvidas e debatidas por diferentes pessoas da sociedade, garantindo que “[...] a ficção se infiltra contínua e silenciosamente na realidade criando aquela admirável confiança

da comunidade no anonimato que constitui a marca registrada das nações modernas” (ANDERSON, 2008, p. 69).

O uso do jornal como fonte de pesquisa histórica no Brasil iniciou a partir da década de 1960. Em alguns casos, o jornal era apoiado como fonte de confirmação de outros tipos de documentação. A História Cultural contribuiu muito para as pesquisas em periódicos, e segundo Luca (2010, p. 130), o uso do jornal “[...] generalizou-se a ponto de se tornar um dos traços distintos da produção acadêmica brasileira a partir de 1985.”

No início do século XX, os jornais renovaram-se na sua produção material modificando a estrutura e distribuição dos conteúdos em reportagens, entrevistas, esporte, lazer, vida social e cultural, crítica literária e outros, sem perder a capacidade de “[...] atender aos anseios da crescente classe média urbana e dos novos grupos letrados.” (LUCA, 2010, p. 138). Observamos, assim, um grande número de trabalhos que recorreram a imprensa, por essa razão, Luca (Idem, p. 140) defende a ideia de que

[...] jornais e revistas não são, no mais das vezes obras solitárias, mas empreendimentos que reúnem um conjunto de indivíduos, o que os torna projetos coletivos, por agregarem pessoas em torno de ideias, crenças e valores que se pretende difundir a partir da palavra escrita.

Dessa forma, mesmo que a bibliografia relacionada ao projeto **Bandas de PE** seja escassa, conseguimos realizar um cruzamento dialógico com as demais fontes utilizadas, resultando neste trabalho dissertativo. Acreditamos que esta produção contribuirá como referência para trabalhos futuros.

Capítulo III

3. As perspectivas dos professores ministrantes

A análise sobre o projeto **Bandas de PE (Pernambuco): sua importância sociocultural na perspectiva dos professores ministrantes**, parte das entrevistas realizadas aos professores participantes do projeto.

A pesquisa envolveu questões da pedagogia musical, sociocultural na perspectiva dos professores ministradores do projeto. Nosso foco esteve na investigação, do ponto de vista dos professores, que trouxesse respostas com relação ao legado do projeto e por eles deixado, suas contribuições para o processo sociocultural, profissional e humano, e o aprendizado dos alunos.

Então, os dados coletados não serão usados apenas com o objetivo de mera informação, mas como uma proposta que sirva para análise pelos órgãos e instituições responsáveis na efetivação do projeto **Bandas de PE**, para uma reflexão e talvez uma reformulação na execução e melhoramentos posteriores ao projeto. Esperamos que este trabalho sirva como referência bibliográfica para futuras pesquisas referentes a projetos sobre bandas de música.

Para elucidar o nosso objeto de estudo utilizamos algumas perguntas como meio de coletar dados. Alguns pontos de extrema relevância referentes ao projeto **Bandas de PE** são apontadas pelos professores. Dessa forma, indagamos: o projeto dispõe de alguma diretriz pedagógica específica? se sim, como funciona?

O professor I, destaca:

quando se trata das questões pedagógicas os professores têm liberdade de adequar aos seus alunos; deixo os professores bem à vontade por causa da universalidade dos participantes, por essa razão, há uma adaptação por parte do professor para transmitir os seus conhecimentos.

Então, fizemos a mesma pergunta ao professor ministrante II reformulando-a para: o projeto dispõe de alguma diretriz pedagógica específica? Se sim, como funciona, se não, como você planeja? O professor II ressalta que,

Existem as orientações que são feitas pelo coordenador. O grupo de professores que faz parte do projeto tem experiência de dar aulas, mesmo os mais novos. E, o mais importante, são professores experientes em ministrar aulas a esse público. Porque, uma coisa é dar aula num conservatório onde possui todo um aparato, bons instrumentos e conhecimentos, outra coisa é você pegar um público que muitas vezes não tem conhecimento algum sobre música, pessoas que nunca leram sobre a literatura

do instrumento, que não conhecem métodos do instrumento, nunca tiveram aulas específicas do instrumento.

Ainda, a esse respeito, o professor ministrante III disserta o seu ponto de vista da seguinte forma,

Na verdade, cada um tem seu jeito de ensinar, mas temos que chegar já com os planos de aulas que sejam de acordo com suas realidades sempre voltadas para banda musical, repertório de bandas, apesar que passo materiais diferentes para que eles possam conhecer mais sobre o que o seu instrumento pode tocar além de músicas de bandas.

Além disso, especulamos a partir dessa afirmação: sabemos que os professores nas universidades não querem que mantenham essa metodologia conservatória onde o foco maior é o instrumento. E no projeto?

Meus alunos não são só do **Bandas de PE**, mas também, de outros projetos que participo. Observo que são impacientes para aprender teoria musical, minha metodologia é a teoria com a prática juntas, para se tornar mais divertido, eu procuro fazer a linguagem deles de acordo com suas realidades e vivências. (Professor III).

Acrescentando a perspectiva dos professores I, II e III, o ministrante IV enfatiza,

Existe uma diretriz pedagógica no sentido de que o projeto se repete a muito tempo, a estrutura do horário do projeto se repete. Os professores chegam na sexta de manhã e logo são apresentados, separam-se as turmas pelos instrumentos e o professor organiza as aulas individuais técnicas, mas nessas aulas o professor também prepara algumas músicas que vai tocar com a banda e prepara um grupo de apresentação da classe. Existe uma estrutura que se alterna entre aulas e técnicas coletivas por classe. Temos repertório tanto erudito quanto popular, mas de maneira geral é um repertório mais pernambucano (**maracatu, frevo, etc**). Metade do expediente é aula com instrumento e outra metade os alunos vão para banda onde todos participam, alunos com experiência ou sem. O projeto funciona como uma festa, uma grande reunião, o que importa é que todos estão ali para fazer música, tanto o aluno de seis anos quanto o de sessenta. (grifo nosso).

Entretanto, observamos que a metodologia aplicada pelo projeto **Bandas de PE** é flexibilizada, ou seja, aplicada de acordo com as turmas, e, muitas vezes se aplicam metodologias diferenciadas em turmas, e também, nas cidades. Enfatizamos, que na cidade de Goiana nos deparamos com alunos que já possuem um conhecimento prévio sobre música e instrumentos; isso acontece pelo fato de ter duas bandas sesquicentenárias na cidade. Nesse caso, o trabalho dos ministrantes diferencia e se torna bastante proveitoso, pois funciona em reforçar técnicas, tirar dúvidas, apresentar materiais novos, entre outros. (Professor II).

Ao contrário, como acontece em algumas cidades do “[...] sertão do Estado percebemos que as pessoas carecem das informações primárias” (Professor II). Diante desse fato, entendemos que, por meio dos profissionais envolvidos, o projeto permite aplicar em prol do conhecimento e da

inclusão social, não só o aprendizado pessoal, mas também, a construção de valores coletivos para uma melhor aprendizagem. Assim, ao focalizar as experiências no aspecto da memória dos professores, podemos considerar que, para Le Goff, “O estudo da memória social é um dos meios fundamentais de abordar os problemas do tempo e história, relativamente aos quais a memória está ora em retraimento, ora em transbordamento.” (LE GOFF, 2003, p. 422). Então, este trabalho situa-se, no horizonte social da vivência e do cotidiano do educador.

Portanto, durante a pesquisa, pudemos acompanhar as aulas ministradas pelos professores do projeto, em um ciclo, numa cidade sede. Nosso foco concentrou-se nas diferentes didáticas aplicadas pelos professores. Além disso, observamos a frequência dos alunos participantes no encerramento do ciclo.

Podemos ressaltar, na figura 03, uma das formas de aplicabilidade pedagógica do projeto. Na fotografia, tirada na cidade de Caruarú, um grande grupo ensaia para a apresentação do concerto em comemoração dos 10 anos do projeto.



Figura 03 – Fotografia dos alunos em aula³.

³ Fonte: <https://jornaldecaruaru.com.br/2017/11/projeto-bandas-de-pe-comemora-10-anos-nesta-sexta-feira-17/>>

Na figura 04, a instrumentação de ensino está direcionada para o grupo de instrumento de sopro. Nesse caso, o Maestro ministra sobre a importância da educação musical e a perspectiva de crescimento pessoal e profissional.



Figura 04 – fotografia do Maestro do projeto em sala de aula⁴.

Segundo o professor I, a relevância do projeto **Bandas de PE**, para as comunidades, para os músicos, e para a sociedade local e regional é muito gratificante, “ministramos aulas por todo Estado para incentivar os jovens músicos e a comunidade de cada cidade. É gratificante saber que tocamos pessoas através do conhecimento musical”.

Contudo, nossas indagações continuaram no que concerne a temporalidade do projeto, por meio da seguinte pergunta, Por ser um projeto periódico, você vê um melhoramento no nível musical dos alunos?

No que concerne a temporalidade, o coordenador assevera que, a ideia do Projeto **Bandas de PE** iniciou para dar suporte as bandas filarmônicas do Estado de Pernambuco.

A esse respeito, o professor I ressalva a modificação ocorrida, ou seja, de projeto periódico ele tornou-se um programa.

⁴ Fonte: <https://jornaldecaruaru.com.br/2017/11/projeto-bandas-de-pe-comemora-10-anos-nesta-sexta-feira-17>

O conservatório mudou essa característica para programa, porque quando é projeto torna-se uma coisa sazonal (acontece hoje e pode acontecer daqui há cinco anos), e como é um programa, o conservatório consegue verbas todos os anos. Hoje em dia é Programa Bandas de PE e faz parte do cronograma do conservatório.

Com referência ao melhoramento do nível musical dos discentes, o professor I relatou que deixa arquivos em pdf, partituras de músicas e métodos.

Depois que voltamos ao local por onde passamos, eles, os alunos vêm com horizontes diferentes com relação ao instrumento, como a maneira de soprar, de tocar e de executar uma música de uma forma mais interessante. Daí percebemos a sua evolução, é tanto que temos muitos alunos do projeto que hoje fazem curso superior.

Na fala do professor II, mesmo sendo um projeto periódico, destacou o progresso de uma flautista

que foi aluna do projeto e hoje faz parte como professora. Ela foi uma das alunas numa versão que tivemos na cidade de Limoeiro, pois a mesma tocava na Banda Musical 25 de Setembro, fez o curso e interessou-se. Depois disso, veio para o conservatório, universidade e hoje faz parte do grupo. Inúmeros alunos estimularam-se e procuram institutos e universidades próximas a sua localização. (PROFESSOR II)

Sobre o projeto periódico e a evolução dos alunos participantes, o professor III ressalta:

Os alunos não tem uma boa base, não tem material suficiente para estudo (instrumentos, métodos) então deixo bastante informações para eles, como pen drive com material para estudos, meu telefone de contato. Daí, quando voltamos à cidade reencontramos aqueles mesmos alunos já adolescentes, alguns já mudaram de instrumento que é normal, ou estão no mesmo instrumento, só que um pouco mais evoluídos e com outras perspectivas e noções de como estudar.

A propósito dessa questão, o professor IV pondera que,

Para os alunos que realmente se interessam, existe sim um melhoramento. O **Bandas de PE** existe como uma espécie de ponte das pessoas que estão querendo dedicar-se ao instrumento, a serem músicos e vai buscar informações em outros locais. Existem também as pessoas que têm aula ali e não praticam e ficam do mesmo jeito. De uma maneira geral, existe uma porcentagem positiva para o melhoramento dos alunos participantes. Por influência do projeto foi despertado o interesse de alguns prefeitos a fazer uma escola de música na cidade.

Compreendemos, portanto, que as respostas dos professores participantes convergem e se complementam, as questões técnicas preocupam todos os professores ministrantes, mesmo com aqueles quem alcançaram alguns progressos. Nesse sentido, Ribeiro atesta que

a Banda de Música é, evidentemente, como instituição, a mais densa e legítima representação musical da nossa nacionalidade. Através de seus “Mestres”, que então conduziram e ora orientam suas pró-prias estruturas, polariza uma gama de representatividades muita nítida: o teor da espontaneidade, **a ausência de técnica academizada** e o poder de intuição aliado à pureza de expressão e da sensibilidade. (RIBEIRO, 1985, p. 87, grifo do autor).

Verificamos que as bandas filarmônicas são responsáveis pela programação cultural dos eventos musicais das cidades interioranas, e mais que isso, muitas vezes contratam o mestre de banda, figura responsável pelos primeiros ensinamentos de música a todos os participantes, gerando inspiração, segurança e confiança na produção musical. Porém, alguns desses mestre não possuem a formação musical devida, são autodidatas, mas, apesar disso, instruem os jovens mesmo com suas deficiências.

Logo, é indispensável

[...] lembrar que, em tempos hodiernos, as bandas ainda tomam sob sua responsabilidade a formação musical de seus integrantes, preenchendo a lacuna deixada pela ausência de escolas de música em muitas dessas cidades. De maneira geral, o perfil dos mestres e regentes de bandas agrega o papel de compositor e arranjador, além de professor dos diversos instrumentos da banda. (ZORZAL e FERREIRA, 2016, p. 165)

Observamos, porém, a preocupação dos professores ministrantes no que concerne a metodologia aplicada, na maioria, pelos mestres de banda, pois, percebem que, em certos casos, devido as limitações dos mestres, fica difícil a correção de determinados vícios nos alunos, fato este que dificulta o alcance de melhorias e progressos técnicos pelos mesmos.

Por essa razão, os professores, além de manterem o foco nas técnicas e repertório voltados para seus instrumentos, também se preocupam com o legado deixado por eles. Por isso, os professores compartilham com seus alunos cópias de partituras, métodos, pen drive e sites relacionados aos seus respectivos instrumentos, para que os mesmos deem continuidade aos seus estudos.

Todavia, mesmo que o projeto **Bandas de PE** seja considerado periódico, o progresso musical de uma grande parte dos discentes são fatores ponderantes para uma análise pelos órgãos institucionais que dão suporte. Pois, por ser sazonal, os resultados tornam-se limitados mesmo com o esforço e dedicação dos professores participantes.

Outro ponto de preocupação nossa foi, justamente, quais os maiores desafios que você encontra nas turmas em relação ao aprendizado dos alunos?

Na fala do professor ministrante I, ele destaca:

embora tendo internet para os alunos fazerem suas pesquisas, vimos que as interpretações musicais quando eles executam seus instrumentos é muito equivocada, então nós professores esclarecemos que eles devem seguir um caminho, ou seja, procurar sempre um aconselhamento com um instrumentista de nível mais avançado.

Nesse tema, o professor II revela que, o perfil dos alunos que frequentam o projeto **Bandas de PE** são, geralmente,

pessoas oriundas das filarmônicas, mas também das bandas das igrejas e na grande maioria nunca tiveram aulas específicas de instrumentos. Esses alunos foram ensinados pelos seus mestres que são polivalentes e que, muitas vezes, tem um aluno mais adiantado que passa seus conhecimentos para os colegas.

Essa experiência é comum na maioria dos músicos oriundos de bandas escolares e outras, como assevera Nóbrega (2018, p. 12) “[...] não tive nenhuma aula de instrumento: eram meus colegas que já tocavam que me passavam algumas informações como posição das notas e as músicas da banda”. Por essa razão, um dos maiores desafios que encontro nas turmas de clarinete em relação à aprendizagem dos alunos é:

em relação ao material didático. Mesmo tendo internet, pela qual, pode ser mandado para os alunos, através de redes sociais, mas eles carecem de uma orientação de pessoas capacitadas em ensinar o instrumento. (professor II).

Outro grande desafio, enfatiza o professor II, é em relação

aos materiais (palhetas); geralmente levo para distribuir, pois tem alunos que recebem uma palheta a cada semestre e os instrumentos são os piores possíveis. Nas minhas turmas, sempre elejo uma pessoa de cada cidade para que ele se torne um multiplicador, para que ele possa absorver os conhecimentos e passar para o pessoal.

Ainda, sobre os desafios encontrados pelos professores administradores, temos a seguinte ressalva pelo Professor III, “o perfil dos alunos que frequentam o projeto **Bandas de PE**, não têm uma boa base com professores específicos dos seus instrumentos, pois, geralmente, um único professor dá aulas de todos os instrumentos”.

Para o professor III,

Os alunos têm uma grande carência de teoria musical, tem vícios, problemas com leitura, porque geralmente eles pegam tudo de ouvido. A maior dificuldade que percebo no Projeto **Bandas de PE**, é a falta de teoria e técnica, na verdade fazemos milagres porque no último dia temos que mostrar o serviço. Os maiores desafios que encontro nas turmas em relação à aprendizagem dos alunos são, a falta de técnica e teoria, tem alunos que não conhecem escalas, não sabem o posicionamento certo da flauta transversal, fazem as posições do saxofone na flauta, mas não é culpa do aluno, e sim do sistema que vem acontecendo, pois não estão preocupados em criar bons alunos com qualidade, e sim quantidade.

Prontamente, o professor IV expressa

É um projeto que tem seus valores, mas que precisa ser incrementado, pois passa por necessidade de investimento como: alojamento, ajuda de custo, formação de polos de ensino, intercâmbio entre as instituições federais. Uma das vantagens do **Bandas de PE** é que vieram muitos alunos do projeto estudar comigo por me conhecer pelos meus trabalhos realizados durante minha carreira. Hoje o maior desafio que eu acho particularmente é a motivação, fazer com que a pessoa se motive a querer escolher o instrumento porque vem de uma camada social mais baixa e querem ganhar dinheiro no carnaval. Eles querem que você os ajude a tirar agudos, tocar os frevos. Temos um

ambiente que não incentiva a profissão de músico e os poucos que se interessam além do carnaval, tocam em bandas de forró ou algo parecido e explicar para eles que precisam estudar todos os dias sem ganhar dinheiro é complicado. Como vou convencer a pessoa que para ele tocar melhor precisa ter um programa de estudos que passa por um desafio individual, por um processo, que eles precisam conhecer as técnicas e que tudo isso envolve investimento de tempo, de dinheiro e de muita dedicação? Então pra mim esse é o maior desafio.

Ressaltamos que os desafios, encontrados pelos professores ministrantes dos diferentes naipes, percorrem problemas similares relacionados com a aprendizagem dos discentes contemplados pelo projeto. Tais desafios agregam as diversas questões técnicas que dificultam um melhor desenvolvimento de todo o processo de aprendizado.

A este respeito, Fonseca (2015) destaca,

A iniciação musical ocorre de várias formas, porém o fator principal para o sucesso profissional está associado à “sorte”, já que uma grande parte das instituições públicas de ensino no Brasil não oferecem cursos de instrumentos musicais. Portanto, o talento musical de cada indivíduo torna-se o principal responsável pelo seu desenvolvimento técnico. (FONSECA, 2015, p. 88).

Mesmo diante dos desafios relacionados a aprendizagem averiguamos como os professores ministrantes descrevem suas contribuições durante a execução do projeto.

Para transcorrer esse pensamento, o professor I se manifestou da seguinte forma:

entende-se que o projeto é um local não só de aprendizado, mas de valores que os mesmos construíram para obter [...] uma melhor aprendizagem que os profissionais envolvidos buscam sempre aplicar em prol do conhecimento e inclusão Social.

No caso do professor II, além de ministrar aulas, ele também faz os arranjos. Ele apresenta sua contribuição da seguinte forma, “minha entrada na docência me levou a uma paixão que é ensinar, não é simplesmente um trabalho, é uma missão, e eu me vejo naquelas pessoas tendo aulas”. E continua descrevendo:

A minha contribuição é exatamente essa, [...] fazer com que eles tenham um esclarecimento sobre o ato de tocar o instrumento, conhecer literatura mesmo que de uma forma superficial porque o curso é muito rápido, mas sempre deixo materiais para que eles se tornem proativos.

Em relação a fazer os arranjos tem uma curiosidade, quem fazia a abertura do projeto era O Sexteto Brassil, pois eles faziam parte do quadro de professores, e o conservatório contratava para fazer a abertura. Com o falecimento de um professor, o Sexteto deu uma parada, e nessa parada, certo dia, fiz um arranjo, estávamos na cidade de Salgueiro, e pedi para passarmos o arranjo para finalizar o encontro tocando, e eles gostaram. A maioria dos arranjos é meu, mas outros professores têm uma contribuição boa nisso, e está aberto para todos, inclusive para quem não é do grupo (**dos professores**, Grifo nosso).

O professor III, por ser o mais novo membro do projeto, expõe sua contribuição afirmando o seguinte:

Não tenho experiências como os outros professores, sou a mais nova. [...] quando adolescente, fui aluna da flautista da primeira formação do quadro de professores do projeto. E hoje tento passar o que aprendi [...] dentro do projeto como aluna; mas estou aprendendo muito com os alunos, e também com os grandes mestres que estão ao meu redor, é uma troca de conhecimento. Sinto-me muito realizada.

Por fim, o professor IV assevera,

O **Bandas de PE** [...] no Nordeste, é uma aproximação do Brasil. Apesar de ter pais nordestinos, eu sou uma pessoa de classe média, pois nasci em Brasília e como professor universitário, doutor, fazendo parte de uma elite social, me sinto muito feliz e realizado, pois você se sente útil e sente que conhece o Brasil mais de perto. Sou mais próximo dos alunos do projeto **Bandas de PE** do que dos alunos da UFPB; porque ali na escola não tem um local para se socializar, não tem um grupo em que os professores estão tocando com os alunos o tempo todo, apesar de estar em sala de aula. O **Bandas de PE** é uma convivência quase que diária, é um contato muito mais próximo com a cidade em geral, é um intercâmbio e eu me enriqueço muito.

Analisamos a relevante contribuição de cada professor ministrante e percebemos que, mesmo diante das diversas dificuldades que a educação musical e o projeto **Bandas de PE** enfrentam, não apenas em Pernambuco, mas em todo o Brasil, a grande preocupação não é levar tão-somente o conhecimento, mas democratizar para todo o Estado à qualidade de vida, por meio da educação musical e, principalmente, oferecer melhor perspectiva sociocultural, ou seja, levar em conta a interiorização da cultura e, por meio da música, possibilitar o desenvolvimento econômico para todos.

Todavia, a individualidade, a experiência, a dedicação e o esforço dos professores ministrantes transpõem o conhecimento musical. A pulsão dos professores instrumentistas alimenta um imaginário capaz de conceber um novo, com a finalidade de formar um ser produtor de sons e de sonhos.

Contudo, para finalizar as entrevistas com esses profissionais que trabalham diretamente no projeto, e para melhor compreendermos como eles veem o projeto, argumentamos: qual o papel do projeto **Bandas de PE** na perspectiva dos professores participantes?

Segundo o professor I, classifica como “[...] um compromisso meu e uma realização de tá fazendo alguma coisa para esse povo que mora distante, onde ele não tem informações, não tem escolas especializadas. Eu me sinto realizado como músico e professor”.

De acordo com o professor II, ele caracteriza o Projeto **Bandas de PE** da seguinte maneira, “como músico do interior, sabemos da importância de ter músicos (professores capacitados no seu instrumento) para dar aulas nas cidades. O projeto vem desde 2007 dando muitos frutos e tendo como objetivo a banda de música”.

Já o professor III, disserta o seguinte:

O objetivo do projeto é que as bandas continuem de pé, por isso o nome Bandas de PE, até porque não existem mais as bandas de antigamente (**como no passado**) (bandas marciais e musicais do interior). Nos interiores há carência de músicos capacitados. O projeto almeja que as bandas continuem de pé, principalmente as bandas históricas dos interiores que têm mais de cem anos”. (grifo nosso).

Para o professor IV, no seu ponto de vista, afirma: “a banda de música em Pernambuco existe de maneira inerente, e o **Banda de PE** é um projeto de assistência que dá formação para os músicos de bandas do interior do Estado. No Brasil tem poucos projetos nesse sentido, em Belém - PA tem um projeto similar a esse”.

Observamos que o movimento do projeto **Bandas de PE**, constitui numa grande diferença na vida profissional dos discentes que participam, na proporção em que suas trajetórias de vida refletem novas identidades sociocultural. Isso é possível, graças ao papel dos professores como disseminadores do conhecimento musical teórico e prático que compartilham durante o período que ocorre o projeto e posterior.

A sociabilidade e as diferentes experiências são possíveis pelas condições nas quais são produzidas pelos professores integrantes do Bandas de PE. Dessa forma, os professores transbordam barreiras de sujeitos de diferentes representatividades sociais, sendo assim, eles são transformadores, agindo na trajetória de vida dos discentes, no seu espaço social e nas suas escolhas e relações sociocultural.

Por fim, concluímos que as falas dos professores participantes legitimam a importância do projeto e caracteriza-o por sua grande função social, transformando jovens que participam do mesmo.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo do estudo não foi identificar a colaboração dos professores ministrantes do projeto, mas sim compreender a importância da Banda como laboratório da prática instrumental e musical na perspectiva dos professores ministrante partindo das entrevistas e do suporte teórico-metodológico. Neste trabalho, busquei emergir preocupações sobre metodologia, aprendizado, dificuldades, desafios e contribuições do projeto nas comunidades onde advém.

Particularmente, fascinado e instigado à pesquisa da música, considero esse diálogo entre passado e presente deveras pertinente, por gerar questionamentos, problematizações e debates enriquecedores. Pois, “[...], ao escrevermos a história do tempo presente, é ela que possibilita a compreensão do coletivo no qual cada indivíduo se insere.” (MAGALHÃES, 2007, p. 24).

Sendo a licenciatura em música uma área de conhecimento, que nos permite o relacionamento com diferentes aportes teórico-metodológicos, escolhemos a pesquisa qualitativa, bibliográfica, história oral e a nova história cultural por agregarem, ao mesmo tempo, teoria e metodologia.

Iniciamos este estudo com as pesquisas bibliográficas, porém, no decorrer da pesquisa, tivemos dificuldades de elaborar um texto com maiores informações porque não consta nenhum material na internet ou em redes sociais, sites acadêmicos ou científicos sobre o projeto, mesmo tendo sido fundado em 2007; ou seja, a historiografia sobre o projeto **Bandas de PE** é bastante lacunar. Assim, por meio da história oral (entrevistas), buscamos analisar como acontece o projeto **Bandas de PE**, nas suas atribuições de transformação sociocultural. Por se tratar de um projeto coletivo, podemos destacar que as

lembranças permanecem coletivas e nos são lembradas por outros, ainda que se trate de eventos em que somente nós estivemos envolvidos e objetos que somente nós vimos. Isto acontece porque jamais estamos sós. Não é preciso que outros estejam presentes, materialmente distintos de nós, porque sempre levamos conosco e em nós certa quantidade de pessoas que não se confundem. (HALBWACHS, 2012, p. 30).

Por essa razão, nos apoiamos na história oral, pois, segundo Thompson (1992), enfoca que pode ser utilizada para revelar novos campos de investigação, alterando o enfoque da própria história, transpondo barreiras de sujeitos de diferentes representatividades sociais, podendo ser “um meio de transformar tanto o conteúdo quanto a finalidade da história.” (THOMPSON, 1992, p. 22).

Embora, como já foi dito, não encontramos uma abundância de documentos referentes ao projeto, porém, por meio das entrevistas, pudemos proporcionar as posições sobre os diferentes aspectos do projeto, em acordo com a visão dos professores ministrantes.

Constatamos que o projeto **Bandas de PE** tem instruído, especificamente, às bandas filarmônicas do Estado de Pernambuco, atendendo algumas cidades do interior. A metodologia aplicada contempla todos os discentes, por possuir um caráter maleável, pois em uma única sala constitui diferentes níveis de aprendizado e idade. Além disso, quando os professores disponibilizam materiais específicos como métodos, partituras e outros, específicos de cada instrumento; dessa forma, consente aos discentes a oportunidade de expandir o conhecimento e a prática musical.

Em seu desdobramento, verificamos que o projeto **Bandas de PE**, por meio da educação musical, proporciona uma perspectiva de vida melhor no campo pessoal e profissional dos discentes envolvidos, o que consideramos como inclusão sociocultural. Além disso, tem a função de levar a música às comunidades interioranas, não apenas como conhecimento, mas como entretenimento para um maior número de pessoas. Outro fator, é promover o interesse pela música como viés profissional. Todas essas contribuições do projeto **Bandas de PE** justificam o seu caráter sociocultural.

Prontamente, durante a escrita do presente trabalho, o Autor tinha uma ideia da importância do projeto, mas não tinha ciência que a música possuía uma força de transformação. Ao dissertar sobre a temática música e o projeto **Bandas de PE**, como músico instrumentista, me senti orgulhoso e grato, ainda mais por perceber o poder de inclusão e transformação sociocultural que a música possui.

Por outro lado, identificamos a necessidade de uma divulgação maior do projeto, uma vez que o mesmo tem um papel socioeducativo dentro do Estado. Como músico, o Autor corrobora com os escritores sobre o poder de transformação da música nas comunidades de suas cidades, assim como nas demais.

Porém, relacionamos alguns pontos a serem analisados e estudados pelas instituições financiadoras, no intuito de aprimorar a qualidade e satisfação de resultados futuros. Identificamos algumas dificuldades enfrentadas nas edições passadas, relacionadas com a infraestrutura física, como estalagem para abrigar um grande número de discentes participantes; e de apoio como ajuda de custo para alguns alunos, pois são de origem humilde e, muitas vezes, precisam se deslocar de cidades vizinhas para participar do projeto. Outro assunto, seria a

formação de polos de ensino, para dar continuidade a prática do projeto e o intercâmbio entre as instituições federais, em especial os departamentos de música como apoio teórico-metodológico, e para a infraestrutura dos acontecimentos de forma sazonal.

Contudo, consideramos a temporalidade como questão mais relevante. Acreditamos, porém, que deveria ser estudada e discutida, entre os organizadores e as instituições financiadoras, a possibilidade de prolongamento do evento em cada cidade sede, pelo menos cinco (05) dias, em vez de dois e meio (02 e 1/2). Pois, consideramos que esse período seja adequado para o desenvolvimento das atividades e maior aproveitamento pelos alunos, considerando que, didaticamente, se trabalha teoria e prática.

Mesmo diante dessas observações o êxito do projeto **Bandas de PE** é perceptível no tocante a atender grande parte das cidades sedes e circunvizinhas, correspondendo as necessidades básicas dos músicos das Bandas Filarmônicas das regiões contempladas.

Compreendemos que projetos de música associados com bandas de música, geralmente, têm como função promover a interação entre professores e alunos, baseando-se no processo de aprendizagem com formação social, cultural e humana, tendo como foco o aprendizado da música.

Vale salientar que as bandas musicais possuem um papel importantíssimo na comunidade da qual ela está inserida, expressando à cultura da cidade, assim como ressaltando seus valores por meio das retretas em praça pública, na procissão do padroeiro da cidade, dos desfiles cívicos e no despertar de uma criança ou de um jovem adolescente pelo interesse na música. Reconhecemos que a Secretaria de Educação do Estado, por meio do projeto **Bandas de PE**, vem fazendo o que a educação se propõe, ou seja, levar educação a todos e incluir pessoas, porque esse é o papel da verdadeira missão do educar.

Por fim, reconhecemos a importância do projeto **Bandas de PE** como propagador do conhecimento musical, por incitar a busca do conhecimento como possibilidade de melhoria de vida por meio da música e, principalmente, por contribuir para a formação de futuros músicos eruditos e/ou populares.

5. REFERÊNCIAS

ANDRADE, Mário de. **Dicionário musical brasileiro**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1989.

ARAUJO, Kenia Kerlley Saraiva de. **A contribuição da música para o desenvolvimento e aprendizagem da criança**. Brasil Escola. 2017. Disponível em: <http://monografias.brasescola.uol.com.br/pedagogia/a-contribuicao-da-musica-paradesenvolvimento-e-aprendizagem-da-crianca.htm>. Acesso em 13 de abril 2020.

BARROS, A. J. P.; LEHFELD, A. S. **Projeto de pesquisa: propostas metodológicas**. 8. ed. Petrópolis: Vozes, 1990.

BINDER, Fernando Pereira. **Bandas militares no Brasil: difusão e organização entre 1808-1889**. 2006. 132 f. Dissertação (Mestrado em Música) – Universidade Estadual Paulista, São Paulo, 2006.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Nº 9.394 de 20 de Dezembro de 1996. Brasília, 1996.

COSTA, Manuela Areias. **MÚSICA E HISTÓRIA: Um Estudo Sobre as Bandas de Música Cívica e Suas Apropriações Militares**. Tempos Históricos. Volume 15, 1º semestre de 2011 p. 240-260, 2011.

DELGADO, Lucila de Almeida Neves. **História oral: memória, tempo, identidades**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

DELORY-MOMBERGER, Christine. **Abordagens metodológicas na pesquisa biográfica**. In: *Revista Brasileira de Educação*, n. 51, set.dez. São Paulo: 2012. p. 523-536.

DENSYN, N. K.; LINCOLN, Y. S. **O Planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens**. São Paulo: Artmed, 2006.

DEMO, P. **Avaliação qualitativa**. 7.ed. Campinas: Autores Associados, 2002.

DEMO, Pedro. **Sociologia: uma introdução crítica**. São Paulo: Atrás, 1985.

FACHIN, O. **Fundamentos de metodologia**. 4. ed. São Paulo: Saraiva, 2003.

FONSECA, Glaucio Xavier da. **Banda de Música: uma tradição sociocultural**. Conceitos - N. 23, Vol. 2 (Dez. 2015). ISSN 1519-7204

FONSECA, J. J. S. **Metodologia da pesquisa científica**. Fortaleza: UEC, 2002.

FRANÇA, Eurico Nogueira. **A música no Brasil**. Rio de Janeiro: Departamento de Imprensa Nacional, 1953.

GARCIA, Vitor Ponchio; SANTOS, Renato dos. **A importância da utilização da música na educação infantil**. EFDeportes.com, Revista Digital. Buenos Aires, n. 169, 2012. Disponível em: < <http://www.efdeportes.com/efd169/a-musica-na-educacao-infantil.htm>>. Acesso em: 20 de abril, 2020.

GOMES, Karina Barra. **E hoje, quem vê a banda passar?** Um estudo de práticas e políticas culturais a partir do caso das bandas civis centenárias em Campos dos Goytacazes. Fev. 2008. p.162. Dissertação do Mestrado em Políticas Sociais, Centro de Ciências do Homem da Universidade Estadual do Norte Fluminense, 2008.

GRANJA, Maria de Fátima Duarte. **A banda de música como produção simbólica de uma cultura**. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM MÚSICA, 1985, Belo Horizonte: **Anais...** Belo Horizonte: Imprensa da UFMG, 1986, p. 89-94

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Tradução de Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2003.

HOLANDA FILHO, Renan Pimenta. **O papel das bandas de música no contexto social, educacional e artístico em Pernambuco**. 1989. 106f. Monografia do Bacharelado em Sociologia. Universidade Católica de Pernambuco, Recife, 1989.

LE GOFF, Jaques. **História e memória**. Campinas: UNI- CAMP, 2003.

MAGALHÃES, Valéria. Imigração: subjetividade e memória coletiva. Oralidades. *Revista da História oral*, n.1, São Paulo: Necho. jan/jun 2007. p. 23-32.

MALHOTRA, N. **Pesquisa de marketing**. 3. ed. Porto Alegre: Bookman, 2001.

MARCONDES, Marcos. /07/2017 **O poderoso papel da música na sociedade**. Disponível : <https://administradores.com.br/artigos/o-poderoso-papel-da-musica-na-sociedade>. Acessado em 23 de abril, 2020.

NASCIMENTO, M. A. T. **Método Elementar para o Ensino Coletivo de Instrumentos de Banda de Música Da Capo**: um estudo sobre sua aplicação. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação em Música, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (Unirio), 2007.

NÓBREGA, Matheus Lopes Costa. **Os procedimentos de ensino utilizados na prática de bandas marciais**: a concepção de regentes da rede municipal de ensino de João Pessoa. 2018. 58f. Monografia de Licenciatura em Música. Universidade Federal da Paraíba.

OLIVEIRA, Daisy Lucia Gomes de. **Villa-Lobos e o Canto Orfeônico no Governo Vargas**: as concentrações orfeônicas e a Superintendência de Educação Musical e Artística. 2011. Acesso em: 08 de agosto, 2020. <https://www.cp2.g12.br/ojs/index.php/interludio/article/viewFile/1536/1101>

BURKE, Peter. **O que é história cultural?** Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

RAMPAZZO, Lino. **Metodologia Científica**. São Paulo: Loyola, 2002.

RHALIZANI, Palacios, Juan. **La Música en el siglo XIX**. História Digital, ISSN 1695-6214, ISSN 1695-6214, Vol. 20, Nº. 35, 2020, págs. 103-168.

RIBEIRO, Domingos de Azevedo. **José Lima Siqueira: O Artista e o Líder (III)**. O NORTE – João Pessoa, 18 de maio de 1985.

SEKFF, Maria de Lourdes. **DA MÚSICA: seus usos e recursos**. São Paulo editora da UNESP, 2002.

SOUZA, Roberta Maia; ATAURI, Ilda Chicalé. **A Música Como Instrumento de Direitos Sociais**. RIPE – Revista do Instituto de Pesquisas e Estudos: Construindo o Serviço Social, Bauru, v.13, n. 23, p. 01-56, jan./jun.2009.

STAKE, R. E. **Pesquisa qualitativa: estudando como as coisas funcionam**. Porto Alegre: Penso, 2011.

TACUCHIAN, Ricardo. **Bandas: anacrônicas ou atuais?** Art: Revista da Escola de Música e Artes Cênicas da UFBA, Salvador, n. 004, 1982, p. 59-77.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado: história oral**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. **Introdução à Pesquisa em Ciências Sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1987.

VIEIRA, Anelise, Oliveira. **Escola de Música: A Música Como Forma de Inclusão Social**. Varginha - MG Nov./2017.

ZORZAL, Ricieri Carlini; FERREIRA Ana Neuza Araújo. **O ensino de música no nordeste brasileiro: notas históricas e desafios atuais**. Rev. bras. hist. educ., Maringá-PR, v. 16, n. 4 (43), p. 155-189, out./dez. 2016. 160

SITES

<https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1824-1899/decreto-1331-a-17-fevereiro-1854-590146-publicacaooriginal-115292-pe.html> Acesso em: 08 de agosto, 2020.

Conservatório Pernambucano de Música. (2016). <http://www.conservatorio.pe.gov.br/historico/> Acessado em: 05 de setembro, 2020.

PORTAL DA CULTURA DE PERNAMBUCO, 2014, p. 01
<http://www.cultura.pe.gov.br> Acesso em: 10 de Setembro de 2020.

ANEXO A

QUESTIONÁRIO REFERENTE AS ENTREVISTAS

- 1- O projeto dispõe de alguma diretriz pedagógica específica? Como funciona?
- 2- Por ser um projeto **periódico**, você vê um melhoramento no nível musical dos alunos?
- 3- Quais são os maiores desafios que você encontra nas turmas em relação ao aprendizado dos alunos?
- 4- Descreva sua contribuição no projeto **Bandas de PE**?
- 5- Qual o papel do projeto de **Bandas de PE** na perspectiva dos professores participantes?

ANEXO B

TERMO DE CONSENTIMENTO DAS ENTREVISTAS